

MAS movimento alternativa socialista

Nº 41 | MAIO 2018

www.mas.org.pt | mas@mas.org.pt

Se o País cresceu,

QUERO OS MEUS DIREITOS DE VOLTA



Vasco Santos

A “página da austeri- dade” foi virada?

Ao contrário daquilo que o Governo PS, BE e PCP nos querem fazer crer, **é muito difícil afirmar que a “página da austeridade” tenha sido virada.** A banca portuguesa já está, quase na sua totalidade, nas mãos de capitais estrangeiros. Nos serviços públicos, a austeridade mantém-se muito próximo daquilo que foi deixado pela *Troika*. No mercado de trabalho, a precariedade, salários baixos e horários desmedidos estão exatamente na mesma, com graves consequências sobre as condições de vida de quem trabalha. O que assume proporções desconcer-

tantes, entre as mulheres, LGBTs, imigrantes e negros.

A reposição de rendimentos só foi conseguida através do aumento dos impostos indiretos, agora sobre o consumo. **Como começa a ficar evidente, o crescimento e estabilidade económicas são, em boa parte, fruto de um novo patamar de exploração da mão-de-obra, imposto pela austeridade.**

As sucessivas aprovações dos Orçamentos do Estado (OE) do Governo PS, por parte do BE e do PCP, não têm servido para ultrapassarmos a austeridade. Mesmo que o argumento, de BE e PCP, para a aliança com o PS, seja o reforço da esquerda como forma de combater a direita, podemos verificar que também aí os resultados têm sido muito limitados. **Não só a direita se vai recompondo como o PS está à beira de conquistar a maioria absoluta.**

Rui Rio e Marcelo trabalham com o plano de recomposição paulatina da direita, mesmo que isso signifique uma renovação do Governo

PS. E Cristas e o seu CDS-PP têm, hipocritamente, conseguido ocupar o espaço de oposição deixado vago, tanto por PSD, como por, por BE e PCP. **O combate à direita não pode ser feito através de branqueamento do Governo PS.**

As lutas que têm ocorrido em vários sectores e na função pública, assim como, as actuais mobilizações de mulheres, no passado dia 8 de Março, devem ser **potenciadas** como base de apoio para o aumento imediato do SMN para €750, para a recuperação de todos os direitos laborais retirados pela *Troika*, para o combate à discriminação salarial entre mulheres e homens, para a renacionalização imediata das empresas estratégicas, como os CTT, e para a melhoria geral das condições de vida de quem trabalha. **O Governo PS ensaia acordos com a direita, como já se viu no chumbo das propostas de reformas laborais apresentado pelo BE e PCP. Está na hora de BE e PCP colocarem um fim ao apoio que prestam ao Governo.**

Dois anos e meio de Geringonça: É altura de fazer um balanço!

O Programa de Governo apresentado pelo PS, no início da legislatura, aprovado por BE e PCP, assumia a necessidade de virar a página das políticas de austeridade. Passados dois anos e meio deste Governo, é altura de fazermos o balanço dos factos. **A página da austeridade foi mesmo virada?**

Crescimento, salários e emprego

O PIB regista o maior crescimento dos últimos 18 anos. **No entanto, o país não cresce com base no fim da austeridade, como anunciam PS, BE e PCP. Pelo contrário, é dos níveis de precariedade e baixos salários, impostos pelo governo anterior, e mantidos pelo actual, que a economia cresce para os ricos e poderosos.**

A reposição salarial na Função Pública foi concluída e o aumento do SMN atingiu o valor de €580, em 2018. **Mas isso não significa que tenha havido recuperação salarial.** A precariedade herdada da Governação PSD/CDS-PP, não tendo sido revertida, faz com que os postos de trabalho efetivos sejam substituídos por precários, puxando para baixo o nível salarial na sua generalidade. **Os salários estão estagnados.**

A taxa de desemprego atingiu os 7,8%, em Fevereiro de 2018. Foram criados cerca de 200 mil postos de trabalho, nos últimos 2 anos. Mas que emprego está a ser criado? **67% dos contratos assinados, desde Outubro de 2013, são contratos precários.** Em 2016, registámos 22,3% de população precária, face a uma média da UE de 14,2%. É a terceira taxa mais elevada da UE. Como se não bastasse, em Portugal, os horários de trabalho são ainda dos mais extensos na UE.

Estes problemas do mercado de trabalho são ainda mais expressivos entre a juventude, as mulheres, as LG-BTs, imigrantes e negros.

A austeridade não só não saiu do nosso mercado de trabalho como o FMI e a Comissão Europeia têm insistido com uma ainda maior facilidade em despedir. Resultado: Portugal mantém os 11% de taxa de trabalhadores pobres e 24,3% da população em situação de "pobreza e exclusão".

É necessário que o Governo PS au-



mente imediatamente o SMN para €750. Para além disso, devem efectivarse as 35h trabalho semanal, no público e privado; passagem à efetividade de todos os contratos precários com duração ou renovações sucessivas há um 1 ano; fim das empresas de trabalho temporário; descongelamento de carreiras com o reconhecimento de todos os direitos perdidos; reversão de todas as alterações da Troika ao Código do Trabalho.

Saúde e Educação

Na Saúde e Educação, os dados da execução orçamental, de 2016, mostram que o patamar de despesa pública é sensivelmente o deixado pela Troika. A despesa pública em Saúde está mesmo entre as mais baixas da UE.

Isto significa uma contínua degradação da prestação de serviços públicos de Saúde e Educação, trabalhadores mal pagos, contratos precários e deploráveis meios materiais. Na Saúde, reflete-se nos desmesurados tempos de espera para os

utentes, , recorrentes infeções hospitalares, sobrelotação dos serviços, dificuldades de internamento, pressão para altas antecipadas, redução de exames a idosos, constantes macas em corredores e infraestruturas inapropriadas. **Na Educação,** as turmas gigantes são dos maiores problemas. Quanto ao descongelamento das carreiras dos professores, o Governo propõe que sejam apenas descongelados 2 dos 11 anos em que as carreiras já estão congeladas. Para além de tudo isto, o regime fundacional das universidades mantém-se e aprofunda-se, avançando da empresarialização do ensino superior.

Pode dizer-se que a austeridade se mantém mas hoje é feita através de um ardiloso esquema de cativações orçamentais.

Outra das consequências do subfinanciamento da Saúde e Educação é uma crescente expansão dos serviços privados, seguros de saúde privados, colégios privados, PPPs assim como a empresarialização dos hospitais públicos e das universidades. Esta é uma tendên-



cia em desenvolvimento já há vários anos que o presente Governo PS não alterou.

É urgente que o Governo PS reponha o nível de despesa e investimento públicos anterior à Troika e ao Governo PSD/CDS-PP.

Transportes e outros serviços públicos

No caso dos transportes, a inicial anulação da subconcessão dos transportes públicos de Lisboa e do Porto a privados, já foi invertida. O Metro do Porto acabou de ser entregue aos interesses privados da Barraqueiro. A privatização da ANA, da TAP ou o conjunto de PPPs ainda se mantêm. **Só com as PPPs rodoviárias o Governo gastou €1.181 milhões, em 2017, prevenindo manter estes gastos em 2018.**

Aumentam os preços dos transportes mas a oferta e a qualidade dos serviços deixa muito a desejar. As empresas registam défice de oferta, défice de meios de transporte, défice de profissionais, precariedade

e baixos salários, demasiados transbordos nos vários transportes, défice de manutenção dos meios materiais e infraestruturas, pondo em risco passageiros e trabalhadores.

A privatização dos CTT, da EDP ou da PT, confirmam que os serviços públicos são desmantelados, os preços aumentam, os trabalhadores são reduzidos e os interesses privados retiram daí lucros astronómicos. Esta estratégia de privatização dos serviços públicos tem ser invertida.

Banca e soberania

Só o Governo de António Costa já enterrou na banca portuguesa cerca de €10.000 milhões. Para que estes pagamentos à banca sejam feitos, outras despesas e investimentos públicos terão de se manter em valores da Troika. Daí que as despesas com serviços e investimentos públicos continuem a ser sacrificados, mantidos à beira da rutura.

O salvamento da banca privada através de capitais públicos e a sua posterior venda, a preços de saldo, a privados, tem ditado que a soberania do país vá sendo entregue nas mãos de capitais estrangeiros.

Também na banca, a conceção estratégica da Troika tem sido aplicada pelo Governo PS. **Se o Estado serve para encaixar os buracos financeiros privados, porque não pode servir para exercer o domínio sobre a banca? A nacionalização da banca é a resposta.**

A conclusão é que não é possível “virar a página das políticas de austeridade” mantendo o “respeito de todos os compromissos europeus” enunciados pelo PS. Até agora, entre estas duas opções, o Governo PS tem privilegiado o “respeito” pelos “compromissos europeus”.

Por seu lado, BE e PCP têm depositado demasiada confiança nos sucessivos OEs do PS. **É necessário romper com esta estratégia e voltar às ruas. É necessário romper com o Governo PS e apoiar as reivindicações dos vários sectores em luta.**

Se o país cresceu, queremos os nossos direitos de volta!

A austeridade recai de forma particular sobre a Mulher

Desengane-se quem pensa que as condições de trabalho e salários, entre homens e mulheres, se estão a homogeneizar. **No mercado de trabalho, a Mulher sofre de um conjunto de problemas muito específicos: tem os menores salários, maior precariedade, maior desemprego, maior obstrução dos seus direitos e recorrente assédio moral e sexual.**

A nossa sociedade cultiva a ideia de que, para a Mulher, é impossível equiparar os seus direitos, as suas condições de trabalho e os seus salários aos do homem.

Depois do desempenho do seu trabalho profissional, é a Mulher que continua a assegurar a esmagadora maioria das tarefas domésticas.

Mais mal pagas, mais precárias, mais desempregadas, as mulheres continuam a ter maiores dificuldades financeiras, pelo que o seu acesso aos serviços públicos é mais dificultado.

O desinvestimento do actual Governo PS nos serviços públicos tem consequências muito específicas sobre as mulheres.

O Governo PS tem agitado muitas intenções mas tem feito muito pouco pelas mulheres. **O direito à emancipação económica e financeira de toda e qualquer mulher, através da efectiva igualdade de direitos e condições de trabalho está por se efectivar. Para além disso, é necessário que a emancipação económica e financeira tenha o seu reflexo na emancipação social e política da Mulher.**

BE e PCP, ao invés de aprovarem os sucessivos OEs do PS, devem desenvolver as lutas das mulheres, dar-lhes potencialidade nas ruas, e fazer avançar as conquistas das mulheres. **É necessário investimento nos serviços públicos, numa rede nacional de creches e lares públicos, acessível a todos, independentemente da sua classe social. É necessário um sistema especializado para a identificação, apoio e resolução de casos de violência doméstica. Basta de violência sobre as mulheres!**

Os regimes políticos endurecem. Uma esquerda independente precisa-se!



A prisão de Lula tem um objetivo claro: pôr um fim à sua candidatura presidencial. É o exemplo de como os regimes em que vivemos, por mais democráticos que pareçam, sendo dominados pelos grandes interesses económicos e financeiros, podem, e são, usados em função da promiscuidade dos seus interesses.

O que se está a passar no Brasil é um ataque, da parte da burguesia e dos seus setores mais reacionários, às liberdades democráticas e políticas de todo um povo. Não só de Lula. A arbitrariedade utilizada para prender Lula e deixar Temer livre, ambos com acusações semelhantes, não é acidental. Tem a intenção não só de derrotar o PT mas de decapitar e desmoralizar a classe trabalhadora.

O avanço reacionário e de ataque aos direitos democráticos é o resultado da grave crise economia que se iniciou em 2008, em todo o mundo, e das políticas seguidas pelos Governos PT, durante 14 anos. **Os Governos PT apostaram na conciliação com os grandes interesses económicos e financeiros. Sem uma alternativa consequente pela esquerda, ficou aberto o caminho à direita para capitalizar a tensão social. É importante que a experiência de conciliação dos Governos PT, no Brasil, sirva de lição à esquerda europeia e mundial. É necessária uma alternativa, à esquerda, independente dos grandes interesses económicos e financeiros, para apontar uma saída de ruptura com os 1% que detêm quase toda a riqueza e poder.** Em Portugal, a esquerda parlamentar, BE e PCP, trocaram uma postura de alternativa pela esquerda, pela conciliação com o PS. **O Governo do PS, que se diz ele mesmo de esquerda, deve condenar publicamente a escalada reacionária no Brasil. Também cá, a política de conciliação ao centro, pode entregar o descontentamento popular nas mãos da direita, cada vez mais populista.**

Aqui, como nas ruas do Brasil, só a mobilização e organização dos trabalhadores pode matar no ovo a serpente da reacção, do autoritarismo, da intolerância e do neofascismo.

Catalunha: democracia ameaçada!



Internacionalmente, assiste-se a um crescendo da extrema-direita e dos setores mais reacionários da sociedade, assiste-se a uma judicialização da política o que choca, inevitavelmente, com os direitos democráticos dos povos. Os regimes que consideramos "democráticos" estão a endurecer.

A democracia vive horas amargas também no Estado espanhol. A repressão da monarquia espanhola sobre a Catalunha já processou 25 activistas e políticos catalães. Nove foram presos e sete exilados. Não é uma face repressiva apenas relativa ao processo independentista. Nos últimos meses, foram processados e presos, dezenas de artistas de rap, apenas por criticarem a monarquia e o Estado espanhol, sem que haja qualquer reação de mínimo assombro por parte dos governantes da "democrática" UE.

Também sobre a Catalunha, o Governo do PS e o Presidente da República Marcelo, como democratas que se defendem, devem condenar a escalada persecutória que se vive na Catalunha. Apelamos a toda a solidariedade internacional para pressionar o governo espanhol a recuar.



Síria: guerra sem fim à vista!

Já fez 7 anos desde o início do levante popular contra Bashar Al-Assad. A repressão aos protestos pacíficos deu origem a uma guerra civil, sem fim à vista, que já fez mais de 217 mil mortos civis.

Na pilhagem da Síria, por parte das potências regionais e globais, o principal interesse é a sua posição geoestratégica para o escoamento do gás natural e do petróleo da região. É isso que, por um lado, os EUA e seus aliados querem conquistar e que a Rússia e seus aliados não querem abrir mão.

A solidariedade internacional deve exigir o fim de toda a intervenção externa na Síria e na região. Os países, nomeadamente, europeus, devem abrir as suas portas aos refugiados e desenvolver amplas políticas para a sua verdadeira integração social e laboral. Só este tipo de políticas permitirá combater o crescente sentimento xenófobo e racista, potenciado pela extrema-direita. Só essa solidariedade internacional possibilitará que a oposição social e laica na Síria se recomponha e reorganize, de forma independente. Só uma Síria sem Assad trará paz a um povo que já enfrenta tantos anos de sofrimento.